

## DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DO SUJEITO SURDO NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS – LIBRAS

*Lislayne Oliveira Silva<sup>1</sup>*  
*Willian Costa da Silva<sup>2</sup>*  
*Líllian Gonçalves de Melo<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir o processo de desenvolvimento cognitivo, psíquico e social da pessoa com surdez, no período de aquisição da linguagem na língua de sinais – LIBRAS. Para isso, realiza-se uma pesquisa bibliográfica, que teve como finalidade a compreensão dessa temática sobre a visão teórica de alguns autores. Dessa forma, foi possível demonstrar que o sujeito surdo dispõe das condições necessárias para o desenvolvimento de suas capacidades, numa construção complexa e organizada da mesma maneira que acontece com o ouvinte, porquanto a surdez não torna os sujeitos surdos incapazes ou impossibilitados, mas sujeitos com possibilidades diferentes. Diante da pesquisa realizada, compreende-se que todo ser humano nasce dotado de uma capacidade inata para a linguagem. Mas, para que esta se desenvolva, é necessário que seja propiciado uma abundância e riqueza do *input* linguístico, que estará contido nas interações deste sujeito com o meio ambiente, que ocorre através das relações com o meio social.

**Palavras Chave:** Linguagem; Cognição; Surdez.

### INTRODUÇÃO

A visão da sociedade em relação ao sujeito surdo vem se modificando ao longo da história, principalmente nos últimos tempos, em que profissionais de diversas áreas têm buscado investigar sobre o processo de aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo da criança surda; tendo em vista a dificuldade de aprendizagem que esses sujeitos apresentam diante da privação de suas experiências linguísticas, o que tem provocado sérios problemas com relação ao desenvolvimento de suas capacidades mentais superiores.

O estudo apresentado sobre essa temática tem o intuito de demonstrar que, apesar das dificuldades observadas nos indivíduos surdos, com relação ao seu desenvolvimento, o processo de aquisição da linguagem por essas crianças ocorre de maneira similar às ouvintes, desde que seja propiciado um ambiente adequado de interação e troca de experiências entre os usuários desta língua.

De acordo com as teorias apresentadas por alguns autores sobre a linguagem, é possível compreender que esta ferramenta não serve apenas como um meio de comunicação, mas é constituidora do pensamento e fator essencial para o desenvolvimento cognitivo e psíquico do ser

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pelo INCISOH/ CEIVA

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pelo INCISOH/ CEIVA

<sup>3</sup> Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela PUC-Minas e professora do INCISOH/ CEIVA

humano. Esse desenvolvimento é dependente e direcionado pela cultura a qual a criança surda está exposta, pelas relações interpessoais vivenciadas e concretizadas, sobretudo pela linguagem.

Segundo Correa (1999), o estudo sobre a aquisição da linguagem tem fundamental importância no campo da Linguística, pois demonstra de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal para um estado onde se torna capaz de incorporar uma língua desde os seus primeiros anos de vida de forma natural, sem que haja necessidade de uma aprendizagem formal.

Sabe-se que a linguagem é a capacidade que todo indivíduo detém para expressar seus pensamentos, ideias e sentimentos. Também é considerado fator constituinte da pessoa enquanto sujeito social. Ela se relaciona com fenômenos comunicativos, pois onde há comunicação, há linguagem. O objetivo desta pesquisa é discutir como ocorre desenvolvimento cognitivo, psíquico e social da pessoa com surdez no processo de aquisição da Língua Brasileira de Sinais e explicar quais são as principais dificuldades no processo de desenvolvimento do aprendizado da sua língua materna.

## **METODOLOGIA**

Para a realização desta investigação, adota-se uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, com base nos estudos de Chomsky (1971), Garcia e Fabregat (1972), Borba (1976), Piaget (1986), Vygotsky (1988), Quadros (1997), Reig e Gradolí (1998), Correa (1999), Goldfeld (2002) e Quadros (2011). Embora sejam obras um pouco antigas, os autores são considerados referência no que se refere ao estudo e discussão acerca da aquisição da linguagem.

### **A linguagem e a mente numa visão inatista**

A linguagem é imprescindível na formação do pensamento e do caráter humano, pois determina como a criança vai aprender a pensar, se expressar e interagir com o meio. Muitos estudos e pesquisas vêm sendo desenvolvidos ao longo de muito tempo, a fim de discutir a relação linguístico-cognitiva do ser humano. Essa discussão tem contribuído para o surgimento de várias teorias que revelam algumas descobertas importantes do processo de formação da mente humana. Dentre elas, pode-se destacar a teoria do estudioso, Noam Chomsky, que propõe, através da Teoria do Gerativismo, que a linguagem é inata ao ser humano, ou seja, é uma dotação genética e predisposta de cada indivíduo.

A teoria gerativista trouxe uma importante contribuição para o campo da Linguística, pois explica a capacidade que todos os seres humanos possuem para a linguagem, uma vez que ao

nascer, a criança já está pré-programada para desenvolver a linguagem, e isso acontecerá a medida que esta é exposta a alguma língua; seja ela oral-auditiva ou gestual-visual, porque será permitido o *input linguístico* a partir das hipóteses que vai construindo com o meio.

Essa teoria é racionalista e discute que a aquisição da linguagem é uma questão de maturação de uma capacidade linguística inata, que com o tempo se aguça e adquire sua manifestação específica através da experiência. Para Borba (1976), Humboldt apresenta a linguagem como algo que não pode ser ensinado e não adquire através de exercícios de treino, mas somente apresenta condições para que se desenvolva espontaneamente na mente humana ao seu próprio modo.

Desta maneira, aprender a linguagem é extrair aquilo que está inato na mente. É através da linguagem que somos capazes de expressar pensamentos desde os mais simples até os mais complexos e também reagir a situações novas.

Nessa perspectiva, a língua é formada por um conjunto de estruturas e de conceitos, ou seja, um sistema de regras que possui uma forma. Essa forma da língua é responsável pela maturação da capacidade linguística inata.

Em suas discussões sobre a aquisição do conhecimento e da linguagem, o autor propõe a existência de um sistema gerativo de regras que faz o uso finito de meios infinitos. Assim, "a língua é uma estrutura de formas e conceitos baseada num sistema de regras que determinam suas inter-relações arranjos e organização. Mas essas matérias-primas finitas podem se combinar para resultar num produto infinito" (CHOMSKY, 1971, p. 29).

O uso cotidiano da língua permite construir sentenças e inovar criativamente o conhecimento, possibilitado por uma língua ativa, que não possui uma estrutura de hábitos e generalizações, mas representa um aspecto criativo da mente humana. Segundo Chomsky (1971), as formas gramaticais e estruturas internas mais profundas se mostram semelhantes em todas as línguas existentes.

Desta forma, a língua que é aprendida de maneira natural, ou seja, aquela que a criança é exposta se torna guiada pelos princípios inatos da organização mental que determina prioridade a essa língua específica.

O autor discute a existência de uma gramática gerativa que representa o conhecimento que cada pessoa tem de sua língua. Esse conhecimento está ligado a uma gramática internalizada ou inata. Não é possível dizer que a língua surge por acidente na mente de uma criança, ou que desde pequena saiba a língua que irá aprender.

Seguindo uma visão inatista, a aquisição da linguagem pela criança é dada a partir do momento em que esta descobre a teoria ideal de sua língua, independente da inteligência ou experiência, pois, por exemplo, uma criança de 02 ou 03 anos de idade, ainda não é capaz de

realizar grandes desempenhos intelectuais. Essa teoria ideal retrata como condição prévia para a experiência linguística, a restrição sobre a forma da gramática. Essa restrição determina e resulta a aprendizagem linguística.

Baseando-se nas discussões de Chomsky, é possível perceber que todo ser humano nasce dotado de uma capacidade para a linguagem e é programado para desenvolvê-la, independente de ser uma pessoa surda ou ouvinte. No tempo certo, estará propenso ao *input* linguístico, que é comum em todo ser humano, a partir de exposição as diferentes experiências linguísticas que proporcionará o desenvolvimento de sua língua natural.

### **Sóciointeracionismo e a linguagem**

A teoria Sóciointeracionista ou sócioconstrutivista de Lev Vygotsky, psicólogo Russo trouxe uma grande contribuição sobre a linguagem e o pensamento humano, pois discute a relação dialética existente entre o sujeito e o meio social, onde o homem modifica o meio ambiente e o meio modifica o homem. Sobre essa concepção Reig e Gradolí (1998), fundamentados nas discussões de Vygotsky afirmam que na ausência do outro, o homem não se constrói.

Essa teoria discute que o pensamento e a linguagem no indivíduo, estão fortemente conectados e a formação de ambos se dá essencialmente num ambiente social. O pensamento está ligado a capacidade do ser humano de resolver problemas práticos, de utilizar meios e instrumentos para alcançar seus objetivos. Já a linguagem é a representação simbólica do pensamento. Esta se constitui como uma importante ferramenta social de contato que permite aos indivíduos, interagir, trocar e compartilhar suas experiências e conhecimentos, completando a si mesmo para conquistar seu potencial. A linguagem é o fator determinante na formação do pensamento e do caráter do indivíduo; sua aquisição é dada a partir da interação e mediação da criança com o ambiente e com as pessoas que estão a sua volta. Ela é responsável por mediar a relação entre parceiros sociais e a atividade cerebral na busca da integração de uma nova cultura.

De acordo com Goldfeld (2002), embasada nas ideias de Vygotsky, discute que o pensamento antecede a linguagem, pois de acordo com análise feita sobre o desenvolvimento da criança, desde muito cedo, esta já é capaz de resolver problemas simples, que atendam a necessidade imediata, mesmo antes de dominar a linguagem. Assim, a autora denomina essa fase de pré-intelectual da linguagem, que acontece desde os primeiros meses de vida da criança e as poucas manifestações desta, servem como meio de contato social e de comunicação. A partir de então, há muitas influências do meio externo pela qual a criança estará exposta e as representações simbólicas são responsáveis pela internalização e aquisição do conhecimento linguístico que ela irá necessitar ao longo de sua vida.

Além dessa primeira, também conhecida como fase da linguagem Social, a autora discute a existência de uma segunda fase, que é chamada de Linguagem Egocêntrica ou fase da fala interior, em que a criança fala consigo mesma, auxiliando-se na resolução de problemas e no exercício do pensamento sem que haja a pronúncia das palavras. Assim, por volta dos 02 anos de idade, o percurso do pensamento encontra-se com o da linguagem e o cérebro começa a funcionar de uma nova forma. A fala torna-se intelectual, com função simbólica e generalizante, já o pensamento torna-se verbal, mediado por conceitos relacionados à linguagem.

É preciso considerar que a língua está no contexto social em que a pessoa está inserida, ou seja, quando a criança nasce ela é inserida num meio falante, que já tem uma língua definida. Assim a criança vai se apropriando dessa língua ao longo do seu desenvolvimento. Esse movimento vai acontecer de fora para dentro. O primeiro uso da linguagem é o que a autora intitula de socializada; quer dizer, é a fala da criança com os outros.

É na interface da criança com o outro que a linguagem surge, tomando novas formas e se materializando. O mais importante da linguagem é o discurso interior. Ele é o fato do sujeito incorporar um sistema simbólico no seu aparato psicológico, de maneira que se torna capaz de ter internamente esse plano simbólico funcionando com o suporte da língua. A aquisição começa do lado de fora e acaba internalizando-se na mente humana.

A influência do meio externo é de suma importância para a aquisição da linguagem e constituição do sujeito, pois determina como este irá aprender as informações e significados do mundo de forma ativa e plena, de modo que este sujeito se torne capaz de dialogar com sua própria subjetividade através de sua aprendizagem e do modo de ver o mundo.

Diferente da teoria do inatismo ou da maturação biológica, Goldfeld (2002) explica, de acordo com as ideias de Vygotsky, que o cérebro humano é extremamente flexível e se adapta as diferentes circunstâncias. Assim, a espécie humana é a que se apresenta menos pronta ao nascer, porém seu desenvolvimento irá depender do que o ambiente fornecer, pois essa flexibilidade do cérebro vai se adaptando e vai funcionando de um determinado jeito. Para se completar, os indivíduos necessitam de instrumentos que são fundamentais para a aquisição e desenvolvimento da linguagem e de sua identidade; que podem ser físicos como os objetos, ou abstratos e simbólicos como as crenças, valores e costumes.

O sujeito não percorreria o caminho do desenvolvimento sem ter experiências de aprendizagem, que é resultado da intervenção de outras pessoas interferindo na vida dele; pois necessitam de tal desenvolvimento para que de forma adequada se definam os rumos de sua língua e cultura. Tais interações são realizadas através de relações interpessoais, de maneira que, aquilo que parece individual é resultado da relação com o outro. Cabe destacar que se trata de um outro

coletivo, que vincula a cultura e a partir dessa troca, se internaliza o conhecimento através da linguagem.

É no momento da interação e por intermédio desta que as crianças surdas ou ouvintes começam a perceber os muitos sentidos e significados das palavras, aprender novos conhecimentos, papéis sociais e valores. Sobre essa concepção entende-se que o homem sem a linguagem não é social, cultural e nem histórico.

A teoria interacionista também conduz a outro conceito de suma importância: a zona de desenvolvimento proximal, representado pelo espaço em branco entre aquilo que a criança já sabe e que ela tem a potencialidade para aprender, desde que seja assistida e aprenda com os outros. Proximal vem de próximo, então o adulto ou a criança mais experiente, ou seja, próxima como parceiro social, detecta o seu potencial e o estimula a superar e a se apropriar do que é naturalmente capaz.

Esse estímulo proporcionado pelo adulto lhe possibilitará uma aprendizagem mais complexa das estruturas linguísticas e cognitiva, que ainda não possui. Sobre essa concepção, acredita-se que aquilo que a criança é capaz de fazer hoje, com a ajuda de um adulto, ela saberá fazer sozinha amanhã. Uma vez que a criança se aproximou de uma estrutura de conhecimentos mais evoluída, ela adquire conhecimento que faz com que sua capacidade real aumente, sendo possível prever sua capacidade potencial.

Em suma, sabe-se que a linguagem é construída a partir da interação de crianças surdas ou ouvintes com outros usuários de sua língua, de maneira que as regras gramaticais são desenvolvidas a partir da memorização no contexto social, o que lhes proporcionam apropriar-se de experiências do meio social necessárias para o desenvolvimento de sua capacidade linguística/cognitiva.

### **Aquisição da linguagem – numa perspectiva piagetiana**

De acordo com as discussões teóricas apresentadas por Jean Piaget a linguagem constitui fator imprescindível para a comunicação. De acordo com o autor:

[...] não é menos evidente que quanto mais refinadas as estruturas do pensamento, mais a linguagem será necessária para complementar a elaboração delas. A linguagem, portanto, é condição necessária, mas não suficiente para a construção de operações lógicas. Ela é necessária, pois sem o sistema de expressão simbólica, que constitui a linguagem, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas, sem jamais se integrar em sistemas simultâneos ou que contivessem, ao mesmo tempo, um conjunto de transformações solidárias. Por outro lado, sem a linguagem as operações permaneceriam individuais e ignorariam, em consequência esta regularização que resulta da troca individual e da cooperação. (PIAGET, 1986, p. 92).

Para o autor, a construção do pensamento e da linguagem está ligada a interação e mediação da criança com o outro e com o mundo, pois o seu desenvolvimento é resultado de uma

evolução gradativa e o aprendizado vai se consolidando a medida que essa criança se capacita em níveis cada vez mais complexos do conhecimento, seguindo uma sequência lógica, que pode ser denominada de estágios ou período do desenvolvimento, que são: sensório-motor, pré-operatório e operatório concreto.

Desde modo, em cada fase acontecerá modificações específicas na criança que aos poucos irá construindo, consolidando seus conhecimentos e desenvolvendo a sua capacidade de adaptação com o novo. Essa construção é um processo contínuo que vai acontecendo ao longo da vida da criança.

Os estágios do desenvolvimento do ser humano são denominados de maneira que o período Sensório Motor compreende a criança em idade de 0 a 02 anos. Nesse estágio, o conhecimento do mundo é baseado nos sentidos e habilidades motoras. Ao final do período a criança, emprega representações mentais e tem capacidade de assimilar algo. A principal característica dessa fase é a ação. É a partir de então que a criança passa para uma etapa pré-operacional, na qual determinados esquemas mentais já adquiridos na primeira etapa favorecem a aquisição da linguagem.

No período Pré-operatório a criança tem idade entre 02 a 07 anos. Nesse estágio já começa a aparecer o uso de símbolos, palavras, números para representar aspectos do mundo. Relaciona-se por meio de sua perspectiva individual e ainda possui uma visão egocêntrica.

O período Operatório Concreto ocorre com crianças de idade entre 07 a 12 anos. Nessa fase, a criança começa a aplicar operações lógicas às experiências centradas no aqui e agora, interiorizadas móveis e flexíveis, não mistura mais o real e o fantástico.

No período Operatório Formal, compreendido em idade de 11 a 12 anos em diante, a criança é livre das limitações da realidade concreta. Nessa fase, apresenta uma capacidade de raciocinar logicamente, pensamento abstrato, planejamento e imaginação. Dessa forma, compreende-se que a passagem ou a evolução de uma fase para outra, será necessário que o indivíduo adquira novas estruturas cognitivas.

Para Garcia e Fabregat (1972), a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo e linguístico ocorrem a partir das trocas com o meio. Esse desenvolvimento é constituído e estruturado internamente pelo sujeito dependendo do nível de desenvolvimento em que ele se encontra através processos de assimilação e acomodação.

Na assimilação, o meio é alterado para ser incorporado a partir do que a criança conhece. Já na acomodação é o organismo que é alterado para adaptar-se ao meio. O processo de desenvolvimento depende de fatores internos que são os processos mentais, e estão ligados a maturação e as experiências com o meio. É importante destacarmos também o processo de

equilíbrio, que seria a organização dessas atividades mentais a partir dos conflitos cognitivos que o indivíduo tem com o meio.

Dentro dessa teoria, é importante considerar que a linguagem é vista como um sistema simbólico de representações, e a aquisição da mesma ocorre a partir da superação do estágio sensório-motor dependendo do desenvolvimento da inteligência da criança. Segundo esse autor, a linguagem está ligada a cognição, pois assumem processos interdependentes e inter-relacionados. Tanto a inteligência quanto a linguagem têm origem distintas, porém o desenvolvimento linguístico dar-se-á juntamente com o desenvolvimento da função simbólica, mas esta depende de processos cognitivos já adquiridos.

Piaget (1986) considera a linguagem como fonte do pensamento e afirma que a criança se torna capaz de evocar situações passadas e recorrer aos significados das palavras para se liberar do espaço próximo e presente. Dessa maneira, o pensamento precede a linguagem e esta ajuda a transformá-lo profundamente, até que o mesmo atinja sua força de equilíbrio.

O pensamento é considerado como resultado da inteligência e se encontra nas ações sensório motoras da criança, já a inteligência se constitui pela soma total das estruturas cognitivas. A construção da inteligência é uma condição para a aquisição da linguagem. Esta por sua vez, vem aumentando os poderes do pensamento. Assim denominamos a linguagem como forma de comunicação do pensamento.

Desta maneira, entende-se que a teoria de Piaget enfatiza que as estruturas internas são determinantes do comportamento humano e que a linguagem é um sistema simbólico, que é guiado por regras, considerando o desenvolvimento da linguagem como consequência do desenvolvimento cognitivo.

### **Aquisição da linguagem e desenvolvimento cognitivo, psíquico e social do sujeito surdo**

O foco deste estudo é compreender o processo do desenvolvimento cognitivo, psíquico e social da pessoa com surdez no período de aquisição da linguagem na Língua de Sinais – LIBRAS. Nesta seção há uma discussão bibliográfica sobre esse assunto.

Vários estudos e pesquisas vêm se desenvolvendo ao longo das últimas décadas, direcionados para as questões sobre o processo de aquisição da linguagem pelos sujeitos surdos e sua semelhança com relação a aquisição das línguas orais.

De acordo com a teoria gerativista de Chomsky, o desenvolvimento da linguagem nas crianças surdas não depende nem da fala e nem da audição, pois é um fenômeno mental. Mesmo que essas crianças não tenham tido contato com nenhum tipo de experiência oral ou tenham sido



privadas totalmente de sua audição, a linguagem surgirá a partir da evolução do input linguístico no indivíduo.

Outra questão importante é com relação ao período ou idade crítica para aquisição da linguagem em crianças surdas, que varia desde a infância até a puberdade. Porém a linguagem deve ser adquirida o mais cedo possível, para que o seu desenvolvimento não venha a ser retardado ou prejudicado.

É totalmente evidente que toda a gravidade e todas as limitações criadas pela deficiência não têm sua origem na deficiência por si mesma, mas sim nas consequências, nas complicações secundárias provocadas por esta deficiência. A surdez por si mesma poderia não ser um obstáculo tão penoso para o desenvolvimento intelectual da criança surda, mas a mudez provocada pela surdez, a falta de linguagem é um obstáculo muito grande nesta via. Por isso, é na linguagem como núcleo do problema onde se encontram todas as particularidades do desenvolvimento da criança surda (VYGOTSKY, 1989c, p. 189 *apud* GOLDFELD, 2002, p. 81 e 82).

Esse desenvolvimento ocorre a partir da maturação do sistema neurológico, que é determinado pela natureza de sua evolução. Caso já tenha acontecido a maturação nos indivíduos, é improvável que seja influenciada pelo ambiente externo.

Diante dessa discussão, é importante citar as crianças surdas filhas de pais ouvintes, que representam 95% dos indivíduos surdos. Esses sujeitos enfrentam sérias dificuldades devido à falta de interação e comunicação em sua língua natural dentro do ambiente familiar. Sendo necessária a intervenção de profissionais capacitados da área para conduzir esses sujeitos a adquirir sua língua de forma deliberada e consciente.

Dessa forma, percebe-se que essa ausência social ocasiona não só problemas linguísticos, mas também cognitivos e emocionais. Esses sujeitos não apresentarão proficiência na sua língua igual a um sujeito nativo. É necessário que a criança surda perpassasse por todos os estágios ou períodos do desenvolvimento, assim como discute o autor Jean Piaget em sua teoria da epistemologia genética, para que essas etapas e acontecimentos, tanto naturais como sociais, possam marcar a evolução de seus processos linguísticos e cognitivos.

Similar ao processo que ocorre com ouvintes; as crianças surdas desde os seus primeiros meses de vida experimentam e percebem aos poucos como são utilizados os sinais dentro da comunicação, suas funções e significados, baseando-se nas experiências visuais pela qual está sendo exposta. É de acordo com as ideias defendidas por Chomsky (1971), que o desenvolvimento da linguagem por criança surda ocorre a partir de momento em que esta tem acesso a oportunidades que lhe proporcionará uma abundância e riqueza do *input* linguístico adequado para formação psíquica e social desde a infância.

A aquisição de linguagem em crianças surdas inicia-se precocemente, ou seja, assim que o bebê começa a estabelecer uma relação com o meio. Esse processo acontece de forma natural e

espontânea e é fruto da interação com o outro. Segundo Quadros (1997), a criança, que nasce surda e tem acesso desde os seus primeiros meses de vida a Língua de Sinais proporcionada por seus pais também surdos, desenvolverá uma linguagem sem nenhuma deficiência.

É de acordo com a influência do meio externo e a exposição à determinada língua que o sujeito surdo sofrerá modificações diretamente em sua organização cerebral. Isso é possível em virtude de haver crianças fluentes na língua de sinais devido as constantes interações e oportunidades linguísticas que dispõem a partir do convívio com seus pares surdos. Nesse caso, as crianças surdas apresentam um desenvolvimento linguístico e cognitivo similar às crianças ouvintes, no processo de aquisição da linguagem oral.

Quadros (1997) explica que a Língua de Sinais é organizada no cérebro da mesma forma que as línguas orais, não apresentando nenhuma diferença na estrutura ou organização interna, a não ser no processo de aquisição, que irá depender de outros fatores externos.

De acordo com análise realizada pela autora com bebês surdos e ouvintes, observa-se que ambos apresentam duas formas de balbúcio, o silábico e a gesticulação até um determinado período de sua infância. Com o passar do tempo, essas vocalizações são interrompidas nos bebês surdos, assim como as produções manuais são interrompidas nos ouvintes; pois o input irá favorecer o desenvolvimento de um dos modos de balbuciar da criança.

Na criança surda, a gestualidade na fala inicia-se com as vocalizações, mas depois de vivenciar as experiências visuais, segue-se ao uso efetivo da língua referenciada. É a partir da relação com o meio que as crianças vão adquirindo conhecimento sobre a construção do léxico, a gramática e o uso de sua língua. Desde muito cedo, a criança surda adquire e usa gestos icônicos e indicativos a fim de fugir do isolamento social e comunicar-se com os ouvintes.

Analisando o balbuciar do bebê surdo, percebe-se que nenhuma dessas formas é igual à dos pais, como o balbuciar vocal. Mas é a partir de então que ela vai tentando dominar a forma da linguagem. Em suas primeiras experiências, a criança observa o ambiente em busca de novas informações e consegue fixar o olhar sobre seu referencial, diferente da ouvinte, procurando absorver de sua língua algum sinal. Em passos lentos brinca com as formas da linguagem, possibilitando assim um rápido progresso no desenvolvimento desta.

De acordo com a visão de Quadros (2011), autora que discute sobre o processo de aquisição da linguagem pela criança surda, é designado que todo indivíduo surdo perpassa pelas fases do desenvolvimento da linguagem, como resultado de uma evolução gradativa, a fim de se capacitar em níveis cada vez mais complexos do conhecimento. Essas fases ou estágios possuem características próprias da língua de sinais que são denominados de: Período pré-linguístico, estágio do primeiro sinal, estágio das primeiras combinações e estágios das múltiplas combinações.

Também enfatiza outros tópicos, tais como o estabelecimento nominal, o sistema pronominal e a concordância verbal que são pontos fundamentais para o estabelecimento de relações no espaço.

O “Período pré-linguístico” compreende as crianças de 0 a 12 meses de idade. Nessa fase o balbucio gestual não demonstra nenhuma organização interna, pois a criança surda ainda apresenta o balbucio silábico, que será interrompido devido a capacidade linguística que sustenta a aquisição da linguagem independente da modalidade da língua. Nesta fase, usam constantemente a apontação para indicar coisas ou objetos no espaço presente.

A próxima fase é denominada de “Estágio do primeiro sinal”, que se inicia por volta dos 12 meses a 02 anos. Nessa fase já se percebe que a criança começa a apresentar algumas configurações de mão e movimentos imperfeitos, que a permite imitar os sinais produzidos por adultos. Também sua sinalização não apresenta nenhum tipo de flexão de tempo ou espaço, além da omissão de indicações que envolvem o sistema pronominal. Em compensação, o ato da apontação desaparece, pois começa a criar um novo conceito em relação a sua língua gestual.

O terceiro estágio é denominado de “Estágios das primeiras combinações”, que ocorre com a criança de 02 a 03 anos de idade, onde se percebe que a ordem das palavras é utilizada para estabelecimento das relações gramaticais. O uso da língua já começa ser percebido de maneira um pouco mais consciente pela criança, assim como as regras de forma implícita.

O último estágio é denominado de “estágio das múltiplas combinações” que ocorre a partir dos 03 anos de idade, onde a criança passa por uma explosão de vocabulários, pois há um aumento significativo na compreensão de sua língua; então a criança começa a produzir muitos sinais e utilizá-los em frases curtas para expressar-se com o outro.

Posterior a essa fase, e por volta dos 06 anos, já se identifica aquisição do sistema pronominal, o uso de concordâncias verbais e o domínio completo dos recursos morfológicos da língua. Nesse estágio, a criança dá início às primeiras produções de histórias e reprodução de fatos acontecidos no passado. Desde então, a criança passa a empregar a linguagem para descobrir tudo que está a sua volta e obter experiências novas a cada dia.

Após os 7 anos de idade, pode-se dizer que a criança já atingiu o tempo de maturação para a aquisição da LIBRAS, pois utilizam concordância verbal de forma bastante consistente. A marcação dos sujeitos e objetos no espaço se torna bastante objetiva, pois nessa fase há uma preocupação por tornar clara a comunicação, para que consiga manter um longo diálogo e acompanhar as conversações com um grupo de surdos. Dessa maneira, a criança passa a utilizar a linguagem para influenciar o pensamento das pessoas, com suas opiniões e atitudes.

Considera-se que a criança surda com acesso à língua de sinais desde a infância é capaz de realizar interação com outros usuários falantes dessa mesma língua e se desenvolver sem prejuízo algum assim como as crianças ouvintes. A partir de então, percebe-se que a criança vai evoluindo a

cada dia em suas experiências com o mundo através da linguagem, atingindo assim a maturidade do sistema referencial de sua língua natural. É também por intermédio desta que esses sujeitos formam suas identidades e adquire a cultura própria da comunidade surda.

Das fases de desenvolvimento descritas acima, não deve-se dizer que as crianças surdas contemplam todas elas, pois infelizmente a maioria são surdos filhos de pais ouvintes, que com certeza não vivenciam situações de uso efetivo da linguagem. Outro problema é devido ao fato desses pais desconsiderarem a Libras como língua efetiva e acreditam que a reabilitação da fala para essas crianças seria a melhor solução em relação à privação da comunicação. Haja vista a complexidade de se aprender a língua de sinais, sendo mais “cômodo” o sujeito surdo se integrar ao mundo ouvintista e esquecer essa identidade e cultura, que é representada por uma minoria linguística.

Tal como um filho de surdos-mudos, que não ouve falar à sua volta, continua mudo apesar de todos os requisitos inatos necessários ao desenvolvimento da linguagem e não desenvolvem as funções mentais superiores ligadas à linguagem, assim todo o processo de aprendizagem é uma fonte de desenvolvimento que ativa numerosos processos, que não poderiam desenvolver-se por si mesmo sem a aprendizagem. (VYGOTSKY, 1988 *apud* GOLDFELD, 2002, p. 115)

Os poucos pais que tem algum conhecimento da língua de sinais e de sua importância fazem uma espécie de combinação da língua oral (leitura labial) e de sinais caseiros, a fim de realizar uma comunicação com seus filhos surdos. Essa interação com interlocutores pouco proficientes na língua acaba limitando os surdos ao acesso as diferentes experiências existentes e privando-os da aquisição dos principais conceitos necessários para o seu desenvolvimento e formação de sua identidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de esclarecer os objetivos citados nesse trabalho, discute-se a visão de alguns autores sobre como a aquisição da linguagem se processa no ser humano e as semelhanças e diferenças com relação às línguas orais-auditivas e visuo-espaciais neste processo. Dessa forma conclui-se que as Línguas de Sinais apresentam uma estrutura gramatical complexa e completa que a constitui enquanto língua natural ou língua materna dos sujeitos surdos.

É possível dizer que os indivíduos surdos possuem todas as capacidades orgânicas e biológicas necessárias para que possa fazer a aquisição da linguagem assim como os demais sujeitos. As principais dificuldades encontradas pelos sujeitos surdos não estão ligadas à organização mental ou problemas comunicativos e cognitivos, mas está relacionada à ausência de interações com o meio social; de maneira que esse meio não se encontra preparado o suficiente para

compartilhar com esse indivíduo as experiências linguísticas essenciais para que essa aquisição aconteça de maneira espontânea.

Dessa forma, compreende-se que é na ausência das relações sociais que se constitui tais problemas, não só linguísticos como emocionais e cognitivos. Considera-se que o elemento essencial para a aquisição da linguagem pela criança surda não é o canal sensorio motor, conforme afirma a teoria cognitivista, ou somente através da maturação biológica proposta pela teoria inatista, que o indivíduo se desenvolverá; mas sim mediante as interações propiciadas pelo meio social e as influências linguísticas.

Nesse caso o desempenho linguístico pode ser comparado a aquisição da língua oral pelas crianças ouvintes. Entretanto, quando sofrem privações, apresentam atraso de linguagem e problemas ligados ao desenvolvimento de habilidades planejadas e da capacidade de comunicação. A interação entre crianças surdas e outros usuários fluentes da Língua de Sinais se torna fator determinante para a afirmação dos valores linguísticos e culturais do surdo. Além de possibilitar a formação de uma identidade definida e contribuir para a socialização desses indivíduos surdos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORBA, Francisco S. **Fundamentos da gramática gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CHOMSKY, N. **Novas perspectivas linguísticas**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CORREA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem e comunicação social: visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola Editorial, 1999.
- GARCÍA, Antônio; FABREGAT, Artemio. A construção humana através da equilibração de estruturas cognitivas: Jean Piaget. In: MINGUET, Pilar Aznar (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Tradução Juan Acuna Llorens. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 81-109.
- GOLFELD, Marcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- PIAGET, J. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, Ronice Muller de. **Língua de sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- REIG, David; GRADOLÍ, Laura. A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L.S Vygotsky. In: MINGUET, Pilar Aznar (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Tradução Juan Acuna Llorens. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 110-128.

SANTANA, Ana Paula. **Surdez e Linguagem**: aspectos e implicações neurolinguísticas. São Paulo: Plexus, 2007.